

São Paulo. Refere-se à polêmica sobre a forma de investidura do cargo de Diretor de Escola, discussão que demonstra a ambigüidade com que é considerada a administração escolar. Conclui ser necessário construir um novo corpo teórico sobre a especificidade da escola, repensando conceitos, admitindo rupturas; sobretudo, sonhar sonhos possíveis, sendo o critério do "possível" os critérios da vontade coletiva dos trabalhadores recuperando a escola pública.

Luci Silva Samartini

**FEMINISMO COMO CRÍTICA DA MODERNIDADE:
Releitura dos Pensamentos Contemporâneos do
Ponto de Vista da Mulher**

SEYLA BENHABIB e DRUCILLA CORNELL
(COORDS.)

Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1991.

A Editora Rosa dos Tempos brinda-nos com um livro de grande oportunidade. No momento em que o cenário intelectual parece voltar ao saudável exercício de oferecer mais questões do que respostas, mais dúvidas do que certezas definitivas, nada melhor do que nos depararmos com o pensamento criativo deste grupo de teóricas feministas. Discutindo com a teoria política e social contemporânea, as autoras não se limitam a desconstruí-la criticamente, mas oferecem um verdadeiro trabalho de reconstrução dos paradigmas científicos tradicionais. A política e a moral, o pensamento de Marx, a Escola de Frankfurt, Foucault, Beauvoir, Wittig, são trabalhados e questionados à luz da crítica feminista.

Ambicioso em sua proposta, este projeto não se encontra, porém, isolado. Antes, inscreve-se no conjunto da produção teórica feminista atual que, sob os mais variados enfoques, tem se engajado nesse processo de reconstrução das estruturas conceituais ou,

mais largamente, dos paradigmas de compreensão da realidade, em todos os campos do conhecimento.

Tratando-se de uma coletânea de artigos de várias autoras, é a experiência concreta das mulheres, atual e passada, tomada como ponto de partida para o questionamento das teorias abordadas, que unifica e dá coerência à obra.

A proposição teórica fundamental subjacente a todos os textos é a de que o confronto entre marxismo e feminismo exige o deslocamento do paradigma da produção. É o que Linda Nicholson trabalha, oferecendo uma espécie de capítulo programático para todo o livro: "Feminismo e Marx: Integrando o Parentesco com o Econômico" (cap. 1). A autora desenvolve a crítica da categoria marxista de "produção" na medida em que esta se limita à criação de bens e alimentos, excluindo a geração e o cuidado dos seres humanos. Para ela, o problema está em que, paradoxalmente, o marxismo afirma a natureza histórica do modo de produção capitalista, porém certos aspectos da sociedade capitalista são falsamente generalizados. Assim, a interpretação marxista da "produção", como necessariamente distinta da "reprodução", impede a assunção do gênero como categoria analítica.

Os quatro capítulos seguintes podem ser vistos, de certa forma, como formando um conjunto, na discussão da racionalidade moderna. Fraser, Young, Benhabib e Markus (caps. 2, 3, 4 e 5, respectivamente) discutem a dicotomia público/privado e suas implicações na vida das mulheres. Embora com diferenças entre si, as autoras apresentam considerável consenso no sentido de que tal dicotomia, como princípio da organização social contemporânea, modelando a concepção dominante da razão, é pernicioso para as mulheres. Um segundo ponto de consenso entre as autoras é sua crítica da concepção liberal do Eu (*unencumbered self*). "O enfoque liberal do eu essencialmente como *persona* tem pouca compreensão da constituição psicosssexual do sujeito humano como um eu dotado de gênero, e é cego para o subtexto de gênero de nossas sociedades. Todavia, este último in-

flui na vida econômica e pública (como demonstrado por Fraser e Markus), ao mesmo tempo ofuscando o grau em que as concepções liberais de razão e racionalidade tornaram o ponto de vista das mulheres irracional ou particularístico (Young) ou concretístico e trivial (Benhabib)" (Introdução, p.18).

Isaac Balbus, no capítulo 6 "Mulheres Disciplinantes, Michel Foucault e o Poder do Discurso Feminista", parece contrapor, de início, a teoria psicanalítica feminista de Dorothy Dinnerstein, Nancy Chodorow, Jane Flax e a do próprio Balbus ao pensamento de Foucault, mas termina por considerá-los compatíveis. Segundo a interpretação que o autor faz de Foucault, poder-se-ia distinguir entre "discursos verdadeiros" de efeitos "autoritários", daqueles de efeitos "libertários". Assim, a teoria psicanalítica feminista constituiria um "discurso verdadeiro não-autoritário e potencialmente libertário", cujas reivindicações de verdade os foucaultianos não teriam razão para recusar. Este capítulo do livro é o que me parece mais discutível, dada a compreensão que o autor apresenta do pensamento de Foucault e sua discussão sobre a questão dos critérios de veracidade dos discursos.

Os dois últimos capítulos, "Variações sobre sexo e gênero, Beauvoir, Wittig e Foucault" (cap. 7) e "Feminismo, Negatividade, Intersubjetividade" (cap.8), discutem a questão da oposição binária masculino/femi-

nino, criticando as teorias essencialistas da identidade de gênero. Ainda que bastante trabalhada, esta crítica continua atual e necessária, dada a incidência das concepções naturalistas, que remetem a uma suposta "natureza feminina" o que é, de fato, construção social.

Finalmente, a longa introdução de Benhabib e Cornell é particularmente estimulante, pois não somente dá uma visão geral da obra como torna sua leitura uma exigência.

Infelizmente, porém, a tradução não está à altura dos textos. Dentre as inúmeras correções necessárias, a primeira diz respeito ao tratamento das teóricas feministas como "teóricos feministas". A crítica feminista desse problema gramatical é suficientemente conhecida. Em segundo lugar, muito literal em seu conjunto, a tradução torna a leitura pouco fluente, chegando mesmo a dificultar sua compreensão. É o caso, por exemplo, do capítulo 3, em que *civic public* é traduzido por "público cívico".

Apesar disso, *Feminismo como Crítica da Modernidade* apresenta-se como uma obra da maior importância para os que se interessam pela crítica feminista do pensamento social e político contemporâneo.

Maria José Fontelas Rosado Nunes